

Bracher admite acordo por 1 ano

ESTADO DE SÃO PAULO

30 OUT 1985

ainda 6x

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Não sendo possível um acordo plurianual (de 14 anos) com os bancos credores, o Brasil poderá assinar um acordo de curto prazo, para vigorar por apenas um ano,"e não temos preconceito quanto a isso", afirmou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Bracher, ao falar na abertura do 3º Encontro dos Economistas do BC, em Brasília. Ele disse aos funcionários que o País assinará um acordo com o FMI em fins de 1985 ou até o primeiro semestre do ano que vem.

O presidente do BC acrescentou não ver motivos para que o Brasil não acerte com o FMI. "Não é blague, pois iremos com os melhores números", lembrando que o acordo com o organismo é um problema imediato que tem de ser enfrentado com realismo e com pensamento positivo. "E não vejo como não nos entendermos", frisou. Já em relação aos bancos, Bracher assinalou que não deverá ocorrer problema incontornável: "Nós estamos inseridos no sistema

financeiro mundial e tiraremos maior proveito possível dele. Temos interesses interrelacionados. Há abundância de recursos". Para o presidente do BC, na negociação do estoque da dívida será tomado o "devido cuidado" para resguardar a soberania nacional.

Falando aos funcionários, Bracher destacou que os economistas do Depec (Departamento Econômico do Banco Central) não devem constituir-se em apenas um depositário de dados, mas também exercer um papel de "elaborador de política". Conclamou o pessoal a se voltar para a realidade, "porque a tentação da teoria é extraordinária".

A seguir, abordando o problema da dívida externa, enfatizou que existe um ajuste interno a fazer (redução do déficit público, por exemplo), mas chamou a atenção para a tendência que os economistas manifestam de separar a economia interna da externa. Assim, lembrou que os US\$ 13 bilhões conseguidos de superávit comercial em 1984 foram obtidos a custo de muito sacrifício da economia interna.

SURPRESA

Na saída, Bracher fez um balanço antecipado da economia do País durante 1985: "Estamos muito surpresos porque estamos crescendo sem o aumento das importações", atribuindo o fato à "acertada" política de substituição de importações, que os governos anteriores executaram, principalmente na área do petróleo. Sobre uma notícia que circulou dando conta de que o chefe do comitê assessor dos bancos, William Rhodes, viajaria de Nova York para o Brasil no próximo mês, Bracher declarou não estar informado a respeito. "Rhodes é eternamente convidado", brincou.

Sobre a reunião de hoje do Conselho Monetário Nacional, Bracher negou que esteja em pauta uma redução do recolhimento compulsório dos bancos sobre os depósitos a prazo, assinalando que qualquer taxa adicional sobre o mercado aberto ficará para o "pacote" econômico que o governo pretende "amarrar" depois das eleições do próximo dia 15.